



George diz que as manifestações de Madrid são um espaço "onde não existe estigmatização"

Palavra, utopia e *free jazz* nas ruas de Madrid

Cinema
Jorge Mourinha

Sylvain George filma o acordar político dos indignados madrilenos em *Vers Madrid!*. Hoje, no DocLisboa, às 16h45

Há dois anos, o cineasta francês Sylvain George esteve no DocLisboa com *Qu'ils Représentent en Révolte*, documentário sobre os imigrantes ilegais em França e o seu tratamento às mãos do Governo francês. A peculiaridade? O que então mostrou a concurso foi a segunda montagem de um *work in progress* que só longos meses mais tarde atingiria (à quinta versão) a forma final.

Este ano, o cineasta francês formado em Filosofia regressa à competição do Doc, com um novo *work in progress*, agora sobre o movimento dos "indignados" madrilenos: *Vers Madrid!* (*The Burning Bright*) (Londres, hoje, 16h45). Rodado ao longo de várias visitas às múltiplas manifestações de rua em Madrid entre 2011 e 2012, *Vers Madrid!* é exibido na sua segunda montagem, com duas horas (contra os 75 minutos da primeira versão), prolongando o engajamento assumido pelo realizador em filmes anteriores.

Sentado num dos sofás da Culturgest, George não enjeita esse engajamento, mas avisa que pode ser redutor. "Haverá quem queira enfiar os meus filmes em gavetas - políticos,

militantes, activistas - mas considere que, acima de tudo, estou a fazer cinema", diz. "O cinema proselitista, de propaganda, não me interessa nada. O que me interessa é tomar posição sobre os acontecimentos, mas, ao mesmo tempo, admitir que estou a aprender sobre o tema."

Aliás, originalmente o interesse de George pelo movimento dos indignados não nasceu a pensar num filme. "Quando o movimento começou, tive a necessidade de ir ver o que se estava a passar, de o compreender. Não conhecia Madrid, não falava a língua, foi uma experiência de estranheza e descoberta que colocava imensas questões." A ideia de montar um filme a partir do material que foi rodado surgiu posteriormente. "Senti a necessidade de traduzir aquilo que se passava", explica o realizador. E o que se passava? "Uma espécie de laboratório da política no século XXI, pessoas que estão a dar os seus primeiros passos políticos, que colocam tudo em causa. Um acordar no sentido nobre do termo, um momento histórico sobre a aprendizagem de uma palavra política."

A expressão "laboratório" vai ao encontro do próprio processo criativo de George, autor solitário (faz câmara, som, produção e montagem). A melhor comparação que encontra é com a música: "Os meus filmes são muito influenciados pelo *free jazz* [risos]: há linhas de força que estruturam o filme e depois vou aprofundando até atingir uma forma final. É um trabalho lento, porque gosto de jogar com a oportunidade;

os festivais, por exemplo, sempre se mostraram interessados pelos meus filmes antes que estivessem terminados, e como nunca olhei para um festival como um fim em si, não me coloca problema nenhum mostrar filmes ainda não acabados. Além do mais, a projecção é para mim também um tempo de trabalho que permite ganhar distância, afinar certas coisas. Sei que no que aqui estou a mostrar há coisas que vão ficar na versão final e outras que vão desaparecer."

Esse moldar permanente do filme reflecte também o desejo de respeitar aqueles que filma e traduzir em imagens. "Há de facto uma urgência que habita as pessoas que há ano e meio tentam construir algo de novo, colocar em questão uma ideologia dominante", diz ao PÚBLICO. "Há coisas em Espanha que ressoam com problemáticas enfrentadas pela maioria das sociedades ocidentais, mas que explodiram lá primeiro, por haver 40% de desemprego entre os jovens, por todo o sistema público estar destruído. De repente, as pessoas deram por si juntas numa praça, ocuparam-na, e isso ressoou pelo mundo todo. Estar ali era sair das representações que a sociedade havia decidido para eles - é reencontrar-se, porque nos reencontramos a nós próprios quando nos encontramos com os outros num espaço onde não existe estigmatização nem julgamento, onde se encoraja a palavra. Espero que o filme esteja à altura daquilo que captei: um momento histórico."